



Ministério da Educação
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095–2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
Nº. 02 – Ano I – 10/2012
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

A prosa poética de Murilo Mendes na obra *A idade do serrote*

Célia Bissoli
Mestranda em Literatura pela PUC Minas – Juiz de Fora - Brasil
E-mail: celiabissoli14@hotmail.com

Resumo: A prosa poética modernista **A idade do serrote** de Murilo Mendes é o foco deste artigo, onde o poeta, através de sua autobiografia, resgata sua caminhada em direção à poesia. A obra demonstra a trajetória do autor desde sua infância, na cidade de Juiz de Fora, com seus familiares e amigos até o seu estabelecimento como poeta, apontando o amadurecimento do mesmo e tendo a poesia como um papel social.

Palavras-chave: **A idade do serrote.** Murilo Mendes. Poeta. Poesia.

INTRODUÇÃO

A idade do serrote (1968) é um texto memorialístico de Murilo Mendes (1901-1975), no qual o autor, através de uma estrutura melódica e repleta de citações, reconstitui lembranças, ora na ficção, ora na dicção.

Segundo Moura:

Restam, ainda, para completar o quadro desse amplo diálogo de Murilo Mendes com outras artes, muito característico do espírito das primeiras vanguardas do século, as relações de sua poesia com a música (...) Persegui sempre mais a musicalidade que a sonoridade; evitei o mais possível a ordem inversa; procurei muitas vezes obter o ritmo sincopado, a quebra violenta do metro, porque isso se acha de

acordo com a nossa atual predisposição auditiva; certos versos meus são os de alguém que ouviu muito Schonberg, Stravinsky, Alban Berg e o jazz (MOURA, 1995, p. 34).

Dentro dessa idéia, e desdobrando as indicações do próprio Murilo Mendes, pode-se chegar a uma aproximação perfeitamente coerente entre o aspecto plástico ou imagético de sua poesia e sua musicalidade descontínua.

Observem-se o seguinte paralelismo entre a poesia e música, por um lado, e a prosa e a fala, por outro: "...como na música, pode-se considerar que a fala tem melodia (entonação, tons) e harmonia (acento e ritmo)". (MASSINI-GAGLIARI & GAGLIARI, 2001, p. 105-142). Assim sendo, Mendes (1994), de forma arguta, faz com que a prosa, nessa obra se identifique com a música.

Apesar de o autor ter vivido grande parte de sua vida em outro país, sua obra fala a respeito da infância e da adolescência na cidade de Juiz de Fora, caracterizada pela Rua Halfeld, das pessoas com quem o autor conviveu, tios, tias, o padre Júlio Maria e outras pessoas que fizeram parte de sua trajetória.

A prosa de **A idade do serrote** é constituída de inúmeras articulações fônicas, onde nota-se claramente um resgate de sua trajetória poética: a religiosidade, a família, as lembranças da infância, a rebeldia na adolescência.

É um marco da passagem do menino poeta ao poeta profissional, notando-se claramente um amadurecimento que fica evidenciado durante o relato, no qual é atribuído um capítulo a cada pessoa que foi importante para o crescimento do autor como pessoa.

Este estudo justifica-se devido ao fato de que Murilo Mendes empreende, em **A idade do serrote**, o resgate da sua trajetória poética. A seleção que o autobiógrafo realiza entre os fatos que compõem o relato obedecem ao critério de revelação da sua trajetória rumo à poesia.

Murilo Mendes, que realiza o seu próprio modelo de autobiografia, através um texto que, embora se apresente como prosa, é altamente poético.

O autor invade de poesia a narrativa em prosa, transfigurando-a em uma prosa poética.

Cabe refletir que o estilo do texto aponta para o ato da escrita e, conseqüentemente, revela o eu adulto; portanto, no âmbito da autobiografia, é um importante meio de autoreferência.

A base desta pesquisa é qualitativa e para a concretização dos objetivos foi relacionado um corpo teórico voltado para uma pesquisa essencialmente bibliográfica, através do resgate histórico da prosa poética em **A idade do serrote**. Para tal análise, foram utilizadas obras de autores (Candido, 1987; Lejeune, 1971; Massi, 1995; Souza, 2005; Teixeira, 2005 e outros) cuja teoria é pertinente. Como também do próprio Murilo Mendes em duas edições de **A idade do serrote** (1994 e 2002).

1. UMA BREVE BIOGRAFIA DE MURILO MENDES

Filho de Onofre Mendes e de Eliza M. de Barros Mendes, Murilo Monteiro Mendes nasceu em Juiz de Fora, em 1901. Entre os anos de 1924 e 1929 escreveu poemas que foram publicados nas revistas **Antropofagia** e **Verde**. No ano de 1930 publicou seu primeiro livro, **Poemas**, o qual lhe rendeu o prêmio Graça Aranha. Ainda em 1930 escreveu **Bumba meu poeta** e em 1933 *História do Brasil*. Daí por diante, muitas outras obras do autor foram publicadas (MASSI, 1995, p. 13).

Após percorrer caminhos diversos, data-se sua definição como poeta na publicação de seu primeiro livro **Poemas**. Sua família, anteriormente preocupada com o futuro do jovem escritor, redimiou-se diante da premiação alcançada com a obra.

Ainda segundo o autor, entre 1953 e 1956 passou a residir na Bélgica e Holanda e em 1957 mudou-se para a Itália, onde se tornou professor de Cultura Brasileira na Universidade de Roma e depois na Universidade de Pisa. Entre 1953 e 1959 algumas obras preciosas foram finalizadas: **Contemplação de Ouro Preto** (1954), **Siciliana** (1959) e **Tempo espanhol** (1959), que testemunharam suas incursões pela Itália e Espanha.

Residindo em Roma a partir de 1957 e já tendo reconhecida a sua obra, o poeta afirma-se também como crítico de arte. Apesar do prolongado afastamento geográfico de seu país, Murilo continuou atento à vida literária e cultural brasileira, através de correspondências e visitas de amigos compatriotas.

Escrita entre os anos de 1965 e 1966, em Roma, e publicada em 1968, **A idade do serrote** representa um registro e resgate dos primeiros anos de vida do poeta com referência a fatos e pessoas que marcaram sua infância e adolescência

em terras mineiras. Seu relato acaba se tornando também um retrato da Juiz de Fora no início do século XX.

Na primeira parte do livro, intitulada “Origem, memória, contato e iniciação”, Murilo Mendes faz uma autobiografia de sua infância e adolescência. Onde os personagens principais são os pais, os irmãos, as babás, os jardins-pomares das casas das tias e primas, as doenças de criança, as primeiras letras, os sonhos, a passagem do cometa Halley, as lembranças do rio Paraibuna, enfim, todo tipo de memória do escritor que perpassa por sua trajetória de vida.

Em 1968 lançou **A idade do serrote**, obra memorialista. Em 1973 voltou ao Brasil pela última vez, vindo a falecer no ano de 1975 em Lisboa, Portugal.

1.1. Análise da obra *A idade do serrote*

A obra de Murilo Mendes retrata a memória do autor, que mesmo vivendo em outro país escreveu a respeito de sua terra natal, a cidade de Juiz de Fora. A prosa **A idade do serrote** é repleta de ritmo, o qual é evidenciado pelo uso de articulações fônicas e uma linguagem poética.

Murilo, ao mesmo tempo em que fala do presente fala do passado, deixando claro no início da obra sua identidade, quando fala a respeito de seu pai, de seus irmãos, de sua segunda mãe, Maria José, e da cidade de Juiz de Fora.

Meus irmãos, com um charme que subsiste até hoje. Tangência e contaminação de afeto (p. 23). Meu pai, grande coração comunicante. Servidor público. Do próximo. Escrivão do registro de títulos e hipotecas da cidade de Juiz de Fora. Minha mãe, afeiçãoada ao canto e ao piano, morre de parto com vinte e oito anos. Torna-se constelação. Minha segunda mãe, Maria José, grande dama de cozinha e salão, resume a ternura brasileira. Risquei do vocabulário a palavra madrasta (p.25). Nasci oficialmente em Juiz de Fora. Quanto à data do mês e ano, isto é da competência do registro civil. Não me vi nascer, não me recordo de nada que se passou naquele tempo. Na verdade, nascemos a posteriori. No mínimo uns dois anos depois. Mesmo porque, antes era o dilúvio. Nasci às margens de um rio-afluente de águas pardas, o Paraibuna, que fazia muita força para atingir os pés do pai Paraíba. Dediquei-lhe na adolescência um minúsculo epigrama. “Eu tenho uma pena do rio Paraibuna” (MENDES, 2002, p.26).

O poeta, através da religiosidade e da intimidade com o mundo espiritual, utiliza-se de simbolismos em sua obra, sendo o surrealismo referência ao autor, onde também podemos identificar um procedimento dialético, o qual é notado através da luta entre sensualidade e religiosidade.

Através de suas memórias pode-se notar uma grande familiaridade com o mundo, utilizando-se largamente de sua formação intelectual, moral e religiosa, sempre presentes em sua obra.

O poeta sempre foi amante da liberdade, buscando conhecer novas culturas, expandir suas fronteiras. Isso se torna claro quando o mesmo se refere a lugares como Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil, Europa, Ásia e outros.

O tempo movimenta-se na obra, não havendo limites para passado, presente e futuro. O princípio e o fim também fazem parte da obra, quando no primeiro texto denominado Origem, Memória, Contato, Iniciação, o autor inicia-o da seguinte forma: “O dia, a noite. Adão e Eva – complementares e adversativos. Meus pais: Onofre e Elisa Valentina, Adão e Eva descendentes” (MENDES, 1994, p. 895).

A importância da obra está no fato de o autor utiliza a infância e a adolescência como principais fontes de entendimento para suas ideias e concepções futuras.

Murilo Mendes considera o olhar da seguinte forma: “meus olhos convergem para todas as coisas que de todos os lados convergem para mim”. Desta forma, em **A idade do serrote** o autor confere a cada personagem de sua infância um tipo de olhar característico: o olhar telegráfico do amigo Juvenal, o olhar mecânico do mendigo, o olho afiado do arquiteto, o olho-faca de Graciliano, o olho agudo de Lucio Costa, os olhos saídos de Tarsila e o seu próprio olho precoce.

O autor assume formas de narrador ficcional ao selecionar determinados fatos para serem contados, e principalmente, ao construir uma imagem prosaica de si mesmo. Em determinado trecho da obra, Murilo Mendes faz questão de mencionar intelectuais com quem conviveu enquanto estudante:

Vi e ouvi mais de uma vez reunidos em tertúlia, Silvio Romero, Lindolfo Gomes, Belmiro Braga e José Freire, à época um dos mais eruditos latinistas de Minas Gerais, nosso professor de português. Contando o fato a Jaime Cortesão, ele me observou: bem se vê que cedo o Murilo sentou-se à mesa dos deuses (p. 943).

Tal menção só revalida a ideia que gostaria de fazer de si mesmo como sendo um homem culto, que andava sempre em companhia de intelectuais, os quais atestavam sua erudição.

A autobiografia do autor denota uma mistura de ficção e realidade, pois uma não convive sem a outra. Os fatos reais misturam-se com os elementos de ficção e juntos compõem esta grandiosa obra.

Segundo o teórico José Guilherme Merquior “o espectro dos temas da poesia muriliana mostra a presença do senso da realidade através de um respeito básico pela complexidade do humano”. MERQUIOR (1965, p. 54).

O autor assume três papéis simultaneamente: o de autor, narrador e protagonista. O narrador participa e assume o papel de protagonista, além de utilizar-se de informações que são historicamente comprovadas. A linguagem nesta obra torna-se respectivamente um meio e um fim. O autor apela para o imaginário com a finalidade de expor suas reais lembranças.

O texto autobiográfico é composto de duas faces: a primeira é o relato de vida, onde o autor constrói um sentido que tem por finalidade dar sentido único a seu relato; a segunda face é a narrativa, que possui características evocativas, onde o autor relata uma série de acontecimentos vividos por ele próprio, dando um toque de romance e, por conseguinte, de ficção.

Murilo Mendes teceu uma narrativa onde o passado e o presente se confundem, mas de forma equilibrada, levando o leitor a participar de sua infância e de sua adolescência como se delas fizesse parte, construindo assim a imagem do autor.

Segundo Lejeune (1971, p. 84), “a autobiografia mostra, em toda sua verdade, o trabalho que toda personalidade faz para se construir, a maneira pela qual todo ser vive sua história e a transforma e mito”.

A autobiografia de **A idade do serrote** se entrelaça a um projeto poético, projeto este que é desenvolvido a partir da autobiografia, a partir de um ponto de sua trajetória. A poetização é bem construída fazendo menção à própria imagem do narrador, a qual se funda nas bases estéticas e ideológicas do projeto.

O tom poético da prosa de **A idade do serrote** se justifica considerando esse eu tão fielmente poeta, que não hesita em colocar a poesia como uma aliada na

tarefa de transfigurar a si mesmo em uma narrativa. Assim, através de um texto altamente poético, tecido de memória e saudade, Murilo Mendes revela a trajetória da poesia, que irrompe como um cometa em sua vida.

A esse propósito, diga-se que talvez Murilo Mendes seja o poeta mais radicalmente poeta da literatura brasileira, na medida em que praticamente nunca escreveu senão poesia, mesmo quando escrevia sob a aparência de prosa. A sua capacidade de reflexão e debate era grande, mas ele a exerceu sempre de modo poético, ao contrário de Manuel Bandeira, Mário de Andrade ou Carlos Drummond de Andrade, que são grandes prosadores ao mesmo tempo em que grandes poetas (CANDIDO, 2003).

Em **A idade do serrote**, Murilo Mendes procede a um duplo movimento de composição. De um lado estabelece um tema fixo, como o jardim, a moça, o piano, o primo, o louco e outros; e este vem carregado de toda a sua particularidade, exibindo ao máximo a condição de objeto descrito. De outro lado procede ao seu “desdobramento através de variações sucessivas e incessantes, variações múltiplas que permitem mostrar todas as facetas, soltar todas as possibilidades de significação que contém” (CANDIDO, 2003). O tema se multiplica, portanto, deixa de ser o que é, vira outra coisa, adquire uma amplitude de significados que o transfigura, ao arrancá-lo da situação limitada de lugar e momento, dando-lhe um toque de atemporalidade.

A Juiz de Fora de **A idade do serrote** é tonalidade quase fantasmal num lugar permeado de sonho. As pessoas, os animais, as coisas, as cenas se revelam sempre múltiplas, são e não são. Assim extravasam os limites e o instante, como convém a um mundo onde a loucura e o milagre são normais, do mesmo modo por que o banal e o cotidiano são miraculosos (CANDIDO, 2003, p. 58).

Segundo Murilo Mendes, “movido por um instinto profundo sempre procurei sacralizar o cotidiano, desbanalizar a vida real, criar ou recriar a dimensão do feérico”. MENDES (2002).

Este trecho explica a atitude literária de Murilo Mendes em sua poeticidade total, mostrando ao mesmo tempo por que ele alça o particular até o mais alto teor de generalidade.

Além da técnica de tema-variação, Murilo Mendes em **A idade do serrote** utiliza a modulação de estilo, a mudança sucessiva e organizada de tonalidade,

maneira, composição. Longe de recorrer a um discurso homogêneo, melodicamente desenvolvido. Murilo ajusta-o estruturalmente ao tema e à circunstância, quebrando a singularidade dos fatos e dando-lhes uma ampla possibilidade de significar. Exemplificando apenas com a variação de tamanho dos períodos e sua articulação nos capítulos, segue o trecho abaixo do começo do livro, quando são referidos fatos e circunstâncias anteriores à possibilidade de a memória concatenar: “O circo. Amanajós. O balão. O quarto escuro. O canto do Magnificat. Ciranda cirandinha. O bicho papão. A mula sem cabeça. Os nomes do demônio. As meninas. A roda do arco. Pianolas. Quidum-sererê.” (CANDIDO, 2003, p. 58).

Pode-se dizer que Murilo Mendes reforça o processo pelo uso sistemático do incomum, que eleva as potências imprevisíveis os expoentes já de si universalizadores do discurso poético. Em **A idade do serrote** o narrador não apenas transfigura o dado comum, ao mostrá-lo como algo tocado pelo cunho excepcional, mas introduz o raro propriamente dito sob a forma de excentricidade, aberração da norma, loucura. Dá-se então um movimento pendular que unifica o texto em profundidade e estabelece a sua normalidade própria: o comum é visto como extraordinário; o extraordinário é visto como se fosse comum (CANDIDO, 2003).

1.2. Poesia e ficção na autobiografia

Segundo Candido (2003), nas fases iniciais da literatura brasileira, as condições históricas favoreceram em Minas algumas manifestações literárias de qualidade, ligadas à floração urbana que sucedeu em tempo curto ao *far-west* inicial.

Tais manifestações constituíram um ponto de partida decisivo para a cultura de todo o país, porque em virtude das características do Barroco e do Neo-Classicismo estabeleceram uma opção universalizante, traduzida na linguagem civilizada do Ocidente, em terra semibárbara como era o Brasil daquele tempo na quase totalidade.

Ainda segundo o autor, a partir dos românticos e a bem dizer até nossos dias, esse fato foi encarado frequentemente como desvio do espírito nacional, como atraso no processo de auto identificação, que teria requerido de preferência um mergulho profundo nas particularidades do pitoresco e da cor local. Mas na verdade ele representava a incorporação das normas cultas, necessárias para a configuração

de um povo. Decisivo, no caso, não era o fato em si do artifício, que pertence a toda arte, mas o vínculo que ele estabelecia em relação às culturas-matrizes. Do mesmo modo atuou, em outro plano, a vitória da língua portuguesa sobre a língua geral, nos lugares em que esta predominava. Se não fosse assim não seríamos o que somos.

Segundo Candido:

A essa luz a literatura dos árcades ganha o seu pleno significado histórico de tradução daquele local naquele universal, que permitiria elaborar bem a inflação de pitoresco e particularismo, promovida dali a pouco pela moda romântica, num movimento dialético oportuno. Foi sobretudo por obra do eixo universalizante dos clássicos que se desenvolveu em condições favoráveis a dialética de nossa literatura no correr do decisivo século XIX. Quando ela atingiu um ponto de maturidade, com Machado de Assis, foi possível ver que o local e o universal, o transitório e o permanente, o particular e o geral estavam devidamente tecidos na sua carne, como na de qualquer literatura que vale alguma coisa (CANDIDO, 2003, p. 52).

Uma obra das mais importantes no processo de naturalização dos valores cultos no Brasil se apresenta de certo modo como confissão em verso: a **Marília de Dirceu**. O fato de ter havido essa espécie de autobiografia de uma situação amorosa em contexto tão universal quando foi o do Arcadismo, sobretudo em seus aspectos neo-clássicos, permite colocar sob a sua égide a pesquisa, não apenas do ficcional ligado ao real, mas do universal através do particular, tomando como exemplo o particular por excelência, que é a narrativa da própria vida (CANDIDO, 2003).

Conforme Candido (2003), nesta época surgiram livros autobiográficos de cunho poético e ficcional, muito diferentes entre si. Os seus autores nasceram de 1901 a 1903, e eles também foram publicados perto um do outro: **Boitempo**, de Carlos Drummond de Andrade e **A idade do serrote**, de Murilo Mendes, em 1968; **Baú de ossos**, de Pedro Nava, em 1972; **Menino antigo**, de Drummond e **Balão cativo**, de Nava, em 1973.

Tomando os três primeiros, isto é: **Boitempo**, **A idade do serrote** e **Baú de ossos**, podemos aproveitar a ordem casual em que aparecem a fim de estabelecer uma gradação, porque o primeiro é escrito em verso, o segundo numa prosa-poesia e o terceiro em prosa; o primeiro é autobiografia através de poesia; o segundo, através de uma poesia inextricavelmente ligada à ficção; o terceiro, como se fosse ficção (CANDIDO, 2003, p. 54).

Para Candido (2003), isto mostra que, apesar das diferenças, eles têm um fundamento comum, “que permite lê-los reversivelmente como recordação ou como invenção, como documento da memória ou como obra criativa, numa espécie de dupla leitura, ou leitura de dupla entrada, cuja força, todavia, provém de ser ela simultânea, não alternativa”.

Nota-se claramente em **A idade do serrote** um processo histórico-biográfico, onde o autor registra tão somente o tempo que antecede à sua atividade poética, momento em que inicia a experiência e a percepção da poesia em sua vida. Assim, o autor não narra sua vida pregressa e fatos importantes de sua trajetória pessoal, como acontece quando parte para a Europa ou quando casa-se com Maria Saudade Cortesão. Estes fatos são omitidos.

Murilo Mendes não se importa em transmitir ao leitor curiosidades acerca de sua vida, porém, dá prioridade a sua trajetória poética, deixando de lado detalhes pessoais. Assim, percebe-se que o autor não dá importância para reproduzir detalhes de sua vida pessoal, mas apenas o nascer da poesia em sua vida.

Em **A idade do serrote** Murilo aparentemente:

Cede à proposta do gênero autobiográfico, mostrando-se ao leitor: do texto emergem as idéias do poeta, a história do seu desenvolvimento intelectual, suas peripécias infantis, suas crises e paixões adolescentes; do texto afloram, ainda, noções sobre o seu trabalho literário e sobre si mesmo. Entretanto, uma leitura atenta demonstra que sua entrega ao texto é relativa, visto que as revelações que faz estão adequadas ao propósito de empreender apenas o resgate de sua trajetória poética, e não de sua vida particular (TEIXEIRA, 2005, p. 25).

Veja as seguintes observações de Raquel Souza:

A figura do narrador autobiográfico encerra, na sua própria estrutura composicional, um problema que vai da veracidade, da factualidade, da verossimilhança à ficcionalização, à fabulação, à imaginação. Se por um lado, este tipo de narrador tem nome e carteira de identidade, como. (...) A supressão do como se, característica da ficção, é iniciada a partir do pacto de leitura que o autobiógrafo de antemão propõe ao seu leitor. Ao estabelecer uma tripla identidade, isto é, coincidência radical entre autor, narrador e protagonista, a narrativa

autobiográfica induz a uma leitura que acarreta a crença de se estar lendo os episódios e tudo mais que significa a vida real de uma pessoa (SOUZA, 2005, p. 67).

Assim, a maneira como se escolhe os fatos a serem narrados na autobiografia, além da construção de uma imagem positiva de si próprio, e a utilização da imaginação como forma de recuperação da vida pela memória transformam o narrador autobiográfico em um narrador ficcional.

A memória possibilita ao autor infinitos caminhos, uma vez que quando o mesmo se propõe a revisitar sua própria história na idade adulta, uma lembrança puxa outra lembrança. No entanto, o autor está consciente de estar escrevendo sua autobiografia e isto é uma empreitada que o permite constituir um limite ao relato. Assim, seleciona o que pretende escrever para que possa perpetuar sua história, deixando de lado muitas recordações, as quais não são registradas, de outro modo a escrita se desdobraria de forma infinita.

A memória é reconstituída textualmente, trazida à tona pela imagem que o próprio autor necessita construir de si mesmo. Desta forma, nota-se a presença de características sublimes e elevadas no decorrer da obra. A recuperação do passado se dá de forma fragmentada, de acordo com os anseios do autobiógrafo. Como exemplo, em **A idade do serrote** pode-se citar um fragmento em que o autor, com a finalidade de construir uma imagem positiva de si mesmo fala de intelectuais com quem conviveu durante a época da escola, trazendo à baila a imagem de um homem culto, através do reflexo de suas convivências.

A autobiografia se dá pelo entendimento paralelo da ficcionalidade e da historiografia, sendo ambas produto da imaginação, assim os fatos reais estão em harmonia com os ficcionais.

CONCLUSÃO

A obra **A idade do serrote** constitui-se em uma narrativa na qual Murilo Mendes explicita seu nascimento poético através da reflexão do conteúdo de suas memórias, buscando em seu passado eventos fundamentais para a constituição poética.

O texto expressa o caminho percorrido pelo poeta até que o mesmo assumisse a poesia como função social, utilizando-se de expressões que confirmam tal assertiva, como por exemplo: a primeira revelação que tive, despertou-me para uma outra face da vida, dentre outras.

O autor, no decorrer de sua trajetória amadureceu, passou de criança para adulto, assumiu a poesia como papel social. O autor fala de sua poesia a partir do momento em que conta sua trajetória em direção a ela.

A autobiografia muriliana é o resgate da brasilidade, de sua terra natal, do povo mineiro, da tradição brasileira. O universo cultural do autor é demonstrado em todo o texto, inclusive fazendo menção a pessoas com quem o autor conviveu. Muitas pessoas cultas. O autor é culto.

Abstract: The modernist poetic prose **A idade do serrote**, of Murilo Mendes is the focus of article, where the poet through his autobiography, rescues his journey into the poetry. The book demonstrates the author's career from his childhood in the city of Juiz de Fora, with family and friends to his establishment as a poet, pointing to the same maturity and with poetry as a social role.

Key-words: **A idade do serrote.** Murilo Mendes. Poet. Poem.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 2003.

CAGLIARI, Luiz Carlos; MASSINI-GAGLIARI Gladis. **Fonética**. Artigo publicado no Livro Introdução à Linguística organizado por Fernanda Mussalim e Anna Christina Bentes. Domínios e Fronteiras. Editora Cortez, 2ª Edição, p. 105-142, 2001.

LEJEUNE, P. **L'autobiographie em France**. Paris: Armand Colin. 1971.

MASSI, Augusto. **Murilo Mendes: a Poética do poliedro**. In América Latina. Palavra, Literatura e Cultura. V. 3 - Vanguarda e Modernidade. Organizadora Ana Pizarro, Campinas/São Paulo, Ed. Unicamp/Memorial. Volume 3, p. 319-333, 1995.

MERQUIOR, José Guilherme. **Razão do poema. Ensaios de crítica e de estética**. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, p. 54, 1965.

SOUZA, Raquel Rolando. **Imagens da infância em Murilo Mendes**. In: AUMGARTEN, Carlos (Org). Cadernos literários. Rio Grande: Editora da Furg. Volume 10, 2005.

TEIXEIRA, Elizângela Rodrigues. **O poeta Murilo Mendes na revelação autobiográfica de A idade do serrote**. 115 f. Dissertação (Mestre em Letras) - Núcleo de Informação e Documentação Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2005.

MENDES, M. **A idade do serrote**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1994.

_____. **A idade do serrote**. Rio de Janeiro: Sabiá, 2002.

MOURA, Murilo Marcondes. Editora: EDUSP, p. 34. 1995.